



MOLDADAS PELA NATUREZA OU MOLDADAS PELO FERRO? Corporeidades femininas em disputa

Tatiana Jardim Gonçalves¹

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A corporeidade apresenta diferentes feições. A visibilidade dos corpos não está atrelada somente às representações inerentes à sua tangibilidade. Os corpos, no seio social, simbolizam verdades atinentes a uma conjuntura, simbolizam imaginários. O corpo se torna a escrita de um modo singular de transitar pela sociedade, e tal escrita passa a constituir ou indicar o sujeito, atesta suas condições éticas, suas peculiaridades morais e seu lugar no mundo.

Assim, a corporeidade torna-se um fenômeno social que regula e é regulado pelas práticas e pelos discursos. Neste último caso, o fenômeno da corporeidade é especialmente potente, pois, como coloca Foucault (2009), o discurso é a reverberação de verdades de uma época. Logo, os discursos, em suas diferentes manifestações, multiplicam, solidificam e excluem as diferentes corporeidades que, por sua vez, passam a disputar diferentes lugares e diferentes sentidos na trama social. O corpo deixa de ser um objeto visível para ser um objeto simbólico, determinante em muitas relações.

2 QUE CORPOS SÃO ESSES?

Na perspectiva de Foucault (2016), os objetos não têm existência prévia. Os objetos de que falamos são produções, fabricações históricas. Assim, os referentes de nossos discursos são produzidos incessantemente em conformidade com conjunturas específicas. Nesse sentido, corpo também é um objeto moldado, fabricado historicamente. Por isso, a pergunta que dá título a esta seção não pode ser respondida de forma definitiva, pois qualquer tentativa de definir o corpo, enquanto objeto, é contrariar as perspectivas teóricas que ancoram este trabalho e, sobretudo, é impedir uma reflexão ampla sobre os processos que incidem sobre a

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (tatiana.goncalves@hotmail.com)

formação deste objeto. É possível, então, trabalharmos com as apreensões que podem ser feitas dos diferentes corpos a partir das representações que assumem na sociedade.

Diferentes corpos transitam no universo social. Cada um, com sua tangibilidade e com sua forma, possibilita diferentes percepções, permite que sejam feitas diferentes apreensões no que se refere às representações, aos imaginários sociais. Cada corpo, então, é apreendido por questões sociais e, ao mesmo tempo, apreende a conjuntura vigente, ou seja, o social metaforiza o corpo e o corpo metaforiza o social². Isso quer dizer que há um sistema de retroalimentação, corpo e história, história e corpo se relacionam e produzem o que chamamos de corporeidade. Logo, os corpos, apesar de terem suas formas físicas, habitam o mundo como significantes, apresentam formas que representam identidade, subjetividade e modo de existência; os corpos simbolizam estatutos criados socialmente.

Esses estatutos, por sua vez, atendem aos imperativos de cada época, a verdades instauradas em cada conjuntura que são produções geradas por feixes de relações de diferentes ordens. As verdades de uma época emolduram tudo que existe:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.(FOUCAULT, 2015, p.52)

Os regimes de verdade, portanto, definem, determinam a direção dos objetos, a interpretação do mundo e dos fatos que o cercam. Uma das verdades de nossa época está atrelada à lógica de mercado que, por sua vez, relaciona-se ao liberalismo. Foucault (2015) usa o termo governamentalidade pra tratar da arte de governo que, mais do que ser uma maneira de governar ou conduzir pessoas em um sistema político-econômico, diz respeito ao modo como as vidas são conduzidas em conformidade com uma determinada lógica. Diz o Foucault (2015, p.415):

² Le Breton, 2012, p.70.

Governam-se coisas. (...) **Essas coisas, de que o governo deve se encarregar, são os homens**, mas em suas relações com coisas que são as riquezas, os recursos os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima, seca fertilidade etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que sejam os acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte etc. (grifo nosso)

Tratar de governo de coisas e de governo de pessoas é, na verdade, tratar da maneira como tudo é conduzido para atender a determinados fins. Desse modo, o liberalismo é também uma lógica de governo que indica um modo de governo cujo viés é o mercado, cujas relações são reguladas pelos preceitos de um grande mercado. Convocamos, mais uma vez, Foucault (2010, pp.93-94) que assevera:

Se uso o termo “liberal” é, desde logo, porque esta prática governamental emergente não se limita a respeitar esta ou aquela liberdade, a garantir esta ou aquela liberdade. **É consumidora de liberdade na medida em que só pode funcionar se houver determinadas liberdades:** liberdade do mercado, liberdade do vendedor e do comprador, livre exercício do direito de propriedade, liberdade de discussão, eventualmente liberdade de expressão, etc. A nova razão governamental precisa então de liberdade, **a nova arte governamental consome liberdade**. Se é obrigado a produzi-la, é obrigada a organizá-la. A nova arte governamental vai então apresentar-se como **gestora de liberdade**, não no sentido imperativo “sê livre”, com a contradição imediata que este imperativo pode implicar. Não é o “sê livre” que o liberalismo formula. O liberalismo formula simplesmente isto: vou produzir-te algo como qual se pode ser livre. Vou fazer com que sejas livre de ser livre. (grifo nosso)

A lógica liberal incita o sujeito a acreditar em uma liberdade plena, liberdade para produzir e construir um estilo de vida em que ela seja o dono de si mesmo, o detentor da força para alcançar o sucesso. A corporeidade hoje é um dos objetos atravessados por esta lógica. A corporeidade assume estatuto de empresa, que deve ser erguida, sustentada e mantida única e exclusivamente pelo sujeito.

Assim, a concepção de corpo enquanto empresa detona os princípios de empreendedorismo e de concorrência, pois o sujeito precisa correr riscos, romper barreiras, transpor limites para ter um padrão corporal que ateste o seu perfil empresarial, seu perfil empreendedor. A consequência disso é o individualismo. O sujeito é colocado como o único responsável por tudo, as falências inerentes ao corpo são desprezadas. O indivíduo é reduzido a si mesmo como se sua existência pudesse ser apartada das relações com o mundo, com a vida e com o outro.

Um dos perfis corporais apresentados neste trabalho foi capturado pela lógica acima citada. São os corpos talhados pelos ferros, que se apresentam de forma avantajada. A musculatura trabalhada milimetricamente se desenvolve e fica aparente. O corpo hipertrofiado, musculoso é construído pelos ferros, mas também por uma rotina de dieta, suplementação e, em alguns casos, até de anabolizantes. Cabe destacar que estes corpos são daqueles que competem, fisiculturistas ou bodybuilders ou daqueles que adotam tal estilo de vida. O corpo hipertrofiado, pelas formas que tem e pela conduta que requer do indivíduo, é capturado pelas malhas sociais e se torna símbolo de força, de superação e de conquista. É um corpo que diz que o indivíduo é um vencedor. É um corpo que simboliza um prêmio adquirido por aquele ou por aquela que driblou todos os percalços para conquistá-lo.

Já os corpos que não apresentam as características acima são os corpos daqueles que praticam outras atividades ou que não praticam atividades e apresentam características que são rejeitadas esteticamente. São corpos que apresentam características inerentes a um dado biótipo que é rejeitado, excluído e desqualificado pela lógica acima citada.

Os corpos, portanto, quando capturados pelas conjunturas, são elencados à condição de vetores, de indicadores de identidade, de subjetividade e de conduta. Como dissemos nas primeiras linhas desta seção, esses corpos não são, mas estão sendo fabricados e moldados no limiar social. São metáforas da nossa época, época em que é preciso fazer tudo, é preciso conquistar tudo, é preciso mostrar a moral que se tem. Os corpos são, na verdade, a demonstração da moral de uma época, abarcam valores e condutas, conduzem comportamentos e culminam na produção de subjetividades.

3 DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Se as verdades são produções sociais, se as verdades de um tempo produzem coisas, há, então, consequências. Uma delas diz respeito ao sujeito. Cada época, tem os seus sujeitos, as suas partes subjetivas que produzem, sustentam, manifestam-se discursivamente, sustentam condutas etc. O sujeito, longe de ser aquele que apenas produz algo, que é dono do seu discurso e da sua consciência,

como diria Descartes; é aquele que é produzido, talhado e moldado pelas verdades de uma época.

Na perspectiva aqui adotada, o sujeito está sempre em processo. Isso porque não é possível concebê-lo como senhor de si, se as conjunturas o pressionam, o moldam. Segundo Spinoza (2016), o homem trava encontros que sempre provocam nos corpos, sejam estes humanos ou não, afetos que aumentam ou diminuem a potência de agir. Neste sentido, a subjetividade não é só uma produção, mas uma transformação inerente aos processos intercorpóreos.

Na mesma esteira, Guattari (2013) fala em máquinas de produção de subjetividade. Em sua concepção, tudo que nos circunda atua como um maquinário que nos produz. Etnia, gênero, discursos, redes sociais, empresas, corporações, academias, tecnologias, tradições, instituições entre outros são máquinas de produção de subjetividade. Cada uma delas atua a partir de enunciados, de agenciamentos coletivos de enunciação que potencializa as verdades produzidas. As subjetividades, então, são colocadas em movimento, há disputas incessantes a partir desses agenciamentos, a partir das verdades estabelecidas, as subjetividades passam a ser processo. Hoje estão em dado estatuto, mas em outro momento podem não estar em virtude da mobilidade das conjunturas e das alterações que podem sofrer.

É nesse sentido que falar em corporeidade é falar na simbologia que os diferentes corpos assumem no âmbito social, mas é também falar em subjetividade, ou melhor, em produção de subjetividade. Como afirmamos na seção precedente, um perfil corporal é a demonstração de condutas inerentes a uma época, por isso é também um maquinário de produção de subjetividades. Ser sujeito, consoante dada corporeidade, é ser representante de certos eixos sociais, é assumir dada condição de pertencimento a um grupo, é assumir determinado perfil de sujeito.

O corpo hipertrofiado, moldado pela musculação, quando envolvido nas malhas da verdade de mercado, quando atravessado pela lógica utilitarista e performática, torna-se símbolo de sucesso, de ousadia, de força, de persistência e propícia, conseqüentemente, há fabricação da subjetividade empresarial, pois

A sociedade regulada pelo mercado em que pensam os neoliberais é uma sociedade na qual o que deve constituir o princípio regulador não é tanto a troca das mercadorias, antes os mecanismos da concorrência. São esses mecanismos que devem ter a maior superfície e espessura possíveis, que devem também ocupar o maior volume possível na sociedade. Ou seja, aquilo que se procura obter não é uma sociedade sujeita ao efeito-mercadoria, mas sim uma sociedade sujeita à dinâmica concorrencial. (FOUCAULT, 2010, p.191)

Com a implantação desta lógica, que preconiza a concorrência, as subjetividades passam a ser produzidas para as disputas. O sujeito se volta para o corpo e assume para si um estilo de vida em que a competição e a tentativa de alçar lugares mais altos e mais privilegiados é o único objetivo. Esta subjetividade é a do empresário de si mesmo, daquele que tem que ser bem-sucedido, daquele que é o único responsável pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso, independentemente dos fatores relacionais. Esta subjetividade, que abarca o fazer por si próprio a qualquer custo e que exclui fatores externos, massacra as potenciais subjetividades, pois ser bem-sucedido é poder inventar seu próprio modelo, desenhar sua unicidade, ainda que idêntica a de todos os outros.³

4 COMO SE FALA DESSES CORPOS?

Os textos que lemos neste trabalho se referem a corpos que pertencem a dois eixos e simbolizam universos de sentidos distintos: os corpos hipertrofiados (musculosos) e os corpos não musculosos. Ambos têm sua materialidade que, moldadas pelo exterior, se transformam em corporeidade.

Se os sentidos da corporeidade são diversos, há de se observar os textos que os veiculam. Sabemos que o discurso, enquanto instituição, se abaliza, circula e se solidifica por meio de gestos, de imbricações, mas circula por meio de textos. Muitos são os textos que falam dos corpos, muitos são os sentidos constituídos, sabemos que há uma vasta produção de textos no que tange à corporeidade. Das prescrições dietéticas aos conselhos relativos à boa forma, uma gama de textos, verbais ou não, se espriam pelos meios de comunicação atendendo ao ensejo das verdades relativas aos corpos.

³ EHREINBERG, Alain. O culto da Performance, p.50.

Os textos relativos à corporeidade apresentam regularidades que abarcam questões que extrapolam o linguístico. As regularidades dos textos, se analisadas em conjunto, permitem que seja observado um padrão, uma instituição, um discurso. Quando nos referimos aos textos que tratam das corporeidades, não estamos nos referindo a peças produzidas aqui e acolá, mas a estruturas que formam uma prática discursiva.

Uma prática discursiva está, antes de tudo, ligada a uma formação discursiva, isto é, a um conglomerado no qual convergem elementos que, em conformidade com verdades admitidas, assumem unicidade, individualidade. Nas palavras de Foucault (2016, p. 47):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (grifos do autor)

Uma formação discursiva, portanto, condensa enunciados que comportam sistemas de relações, sistemas inerentes aquele discurso e não a outro. São correlações muito estritas, muito específicas que nos levam a denominar isto ou aquilo de discurso. É nesse sentido, e só nesse sentido, que podemos falar em prática discursiva, uma vez que só se pratica o que é rotineiro, o que regular. Uma prática discursiva é a articulação entre o linguístico e o não linguístico, entre o linguístico e aqueles que produzem e sustentam os textos. A esse respeito nos fala Maingueneau (1997, p. 56):

(...) falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso. (...) A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupo no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva.

O que chamamos de discurso, então, é uma prática, é uma relativa estabilização de elementos inerentes à língua e à história. Logo, muitas práticas verbais de nossa época, que têm como objeto a corporeidade, contemplam as verdades utilitaristas ligadas ao liberalismo, condensam aparatos linguísticos que permitem semantizar os ideais de força, de superação, de vitória, de responsabilidade por seu sucesso. Por outro lado, esta prática discursiva reúne também elementos que desqualificam os

que não fazem parte deste universo. Sabemos, com Bakhtin (2011), que a atividade verbal é dialógica, responsiva, ou seja, independentemente, da intencionalidade, estamos sempre respondendo a outros enunciados. Com Maingueneau (1997, 2008), sabemos que o discurso está alicerçado no interdiscurso, isto é, nas trocas, nas leituras que são feitas do outro. Desse modo, a prática discursiva que advoga ideais empreendedores é aquela que, concomitantemente, repele, desqualifica outros ideais, outras corporeidades que não pertençam a este universo.

O que está em voga, portanto, é uma prática discursiva de empreendedorismo que se liga à corporeidade. O que se lê aqui são embates discursivos entre um universo de sentidos empresariais e outros universos de sentido que advogam estilos de vida mais livres. O que se diz sobre as corporeidades lidas neste trabalho diz-se das lutas que se passam no âmbito social e que podem ser entrevistas nas práticas discursivas.

5 COMO LER ESTA PRÁTICA DISCURSIVA?

Se o discurso é uma prática, se apresenta regularidades geradas pela imbricação entre língua e história; significa que há reiterações linguísticas, significa que há marcas linguísticas recorrentes que nos permitem seguir, no âmbito da materialidade, estas relações. Assim sendo, ler tais marcas requer um aparato teórico que possibilite traçar um caminho que mostre tais relações.

Antes, porém, de expor as perspectivas enunciativas e discursivas que alicerçam as leituras que serão feitas neste trabalho, é necessário explicar, brevemente, sobre as peculiaridades dos enunciados que serão lidos aqui. Os dois textos que serão lidos aqui têm por objeto a corporeidade feminina e circulam no ambiente virtual. Cada um deles, no entanto, vincula-se a diferentes eixos de sentido sobre esta corporeidade. Um deles é produzido e circula na página moldadas a ferro da rede social Instagram⁴. O outro, da cartunista Laura Athayde, circula na página que pertence à própria autora na mesma rede social, embora também tenha sido comercializado em formato físico. Ambos se alicerçam no *modus operandi* do aconselhamento, ou melhor, do chamamento, da advertência às mulheres, mas

⁴ Rede social em que há publicação de fotos e de vídeos, acompanhadas de textos ou não, que dizem respeito a certos universos das atividades sociais.

fazem isso de formas distintas, pois convocam universos de sentido distintos. Enquanto o primeiro faz referência à corporeidade hipertrofiada (musculosa) e desqualifica outros perfis corporais, o segundo adverte às mulheres para o cultivo das formas que sejam inerentes à sua singularidade. Ao convocarem seus pretensos sentidos, os perfis sustentam eixos discursivos distintos e, com isso, os enunciados que veiculam apresentam marcas linguísticas que atestam este universo. Feito este breve esclarecimento, é possível explicitar o aporte referencial que nos permite ler os textos.

A materialidade linguística de um discurso pode ser lida a partir de diferentes perspectivas enunciativas e/ou discursivas. A materialidade linguística de um discurso comporta marcas que, além de serem recorrentes, levam o analista a deduzir os caminhos discursivos a que pode se chegar. Quando falamos em marcas linguísticas, portanto, falamos daquilo que potencialmente evidencia o panorama semântico de dado discurso.

Os textos com os quais trabalhamos aqui, embora advoguem o eixo da advertência, não se materializam por meio de palavras imperativas, por isso requerem um referencial teórico que esteja no limiar entre o discursivo e o linguístico. Para lermos os textos, recorreremos à pragmática linguística de Ducrot (1984,1987) e à noção de vocabulário elaborada por Maingueneau (2008) a partir da ideia de uma semântica Global.

Falemos da Pragmática. A Pragmática “visa à utilização da linguagem, sua apropriação por um enunciador que se dirige a um alocutário em um contexto determinado. Ela está preocupada com a linguagem enquanto ação, atividade humana e as relações de interlocução aí estabelecidas”. (BRANDÃO, 2001, p.164). A Pragmática está, então, ligada às ações que podem ser empreendidas a partir da linguagem. A Pragmática Linguística teorizada por Ducrot diz respeito, mais especificamente, à argumentação. Para Ducrot (1984,1987) e seus colaboradores, a língua contém instruções que possibilitam identificar as intenções argumentativas presentes em um enunciado. Seguindo esta orientação, podemos afirmar que a língua é uma atividade em que o sujeito mostra e veicula suas verdades e crenças, em que o homem se coloca no mundo e advoga seus lugares de pertencimento.

Assim, um enunciado, na perspectiva da Pragmática Linguística, está sempre destinado a admitir outro, uma vez que todo enunciado, antes e depois de seu aparecimento, apresenta encadeamentos, pois já foram gerados por outros enunciados ou gerarão outros como consequência semântico-enunciativa. É neste sentido que Ducrot (1987) afirma que a língua contém instruções que nos permitem distinguir encadeamentos. O autor fala em marcas linguística da argumentação, isto é, em vocábulos que orientam os enunciados, em conformidade com as relações estabelecidas, para diferentes conclusões. O autor nos fala, por exemplo, nos operadores argumentativos, vocábulos que atuam na conexão, na continuidade e no processamento material dos enunciados, mas, acima de tudo, são inerentes ao processamento semântico-pragmático dos mesmos, uma vez que sua atuação dá ao coenunciador pistas que conduzirão ao sentido de dado enunciado. Portanto, falar em argumentação na língua não é falar em persuasão ou convencimento, mas em uma atividade básica das práticas verbais, em uma atividade que está no bojo de qualquer enunciação.

Outra perspectiva teórica que apoia as leituras feitas neste trabalho é a da Análise do Discurso de base enunciativa cujo referencial é Maingueneau (2008). O autor postula que no discurso tudo emerge e atua ao mesmo tempo, isto é, os elementos, linguísticos ou não, que compõem o discurso se relacionam concomitantemente durante o processamento do discurso. O analista identifica o que é mais regular, mas tudo interage para cumprir o projeto discursivo. Maingueneau chama de semântica global este conglomerado de elementos que emergem e agem na produção discurso. Entre estes elementos está o vocabulário. Na concepção do autor, as palavras de um discurso não estão ligadas aos seus significados dicionarizados, prévios; mas às relações que foram estabelecidas para sedimentação do próprio discurso, pois "(...) além de seu estrito valor semântico, as unidade lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos a priori equivalente, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo." (MAINGUENEAU, 2008, p.81)

Desse modo, as palavras de um discurso dizem respeito ao sistema de restrições do mesmo, ao sistema peculiar de uma formação discursiva que aponta para a

especificidade do discurso, ou seja, para a identidade que o mesmo tem. Conseqüentemente, ler um texto sob a ótica da pragmática linguística e da análise do discurso de base enunciativa é observar o modo como as reiteraões linguísticas remetem às verdades instituídas e aos posicionamentos que solidificam as mesmas.

5 LEITURAS

Nesta seção, procederemos às leituras dos textos referentes ao universo discursivo com o qual estamos trabalhando. Com estas leituras, intentamos mostrar como a materialidade linguística aliada ao não verbal ratifica sentidos sedimentados por certas verdades inerentes à corporeidade. É preciso esclarecer que optamos pelo termo leitura ao invés de análise pelo fato de concebermos que há outras perspectivas enunciativas e discursivas que podem apresentar diferentes direcionamentos de sentido ou diferentes modos de leitura.

Como a proposta do IV SEPLEV é tratar da questão da resistência, mostraremos a leitura dos textos na ordem imposição-resistência. Primeiramente, apresentaremos o texto que reivindica sentidos universalizantes em relação à corporeidade. Depois, apresentaremos a leitura do texto que mostra um embate com os sentidos advogados pelo texto anterior. Tal organização é necessária para mostrarmos como é possível traçar um caminho relativo à resistência via linguagem.

Texto 1



Fonte: ig @moldadasaferro

A dimensão não verbal do texto exhibe dois perfis corporais femininos. Um desses perfis é o do corpo hipertrofiado, o outro o do corpo considerado fora dos padrões estéticos estabelecidos. Na dimensão verbal, é apresentado, implicitamente, um questionamento relacionado à escolha que a coenunciadora deve fazer.

Embora os vocábulos bunda e glúteo façam referência ao mesmo músculo, convocam diferentes universos de sentido que, por sua vez, convocam diferentes concepções ético-estéticas. O substantivo bunda faz remissão ao que é popular, enquanto glúteo faz remissão à esfera médica, à esfera da educação física e à esfera da estética. Além disso, observamos a presença do operador argumentativo ou. Conforme Ducrot, um operador argumentativo direciona os enunciado para certas conclusões, então, em conformidade com a lógica que atravessa a produção de corpos, a coenunciadora não é convidada a fazer uma simples escolha, é intimada a fazer uma escolha pela modelação de um músculo que mostrará, na verdade, sua opção por um estilo de vida. Esta escolha mostraria, então, um modo de se movimentar na sociedade, mostraria uma subjetividade que, em conformidade com as verdades do nosso tempo sobre corporeidade, poderia ser considerada aceitável ou inaceitável.

O vocábulo bunda transita em nossa sociedade de maneira muito corrente, é um vocábulo que atende a propósitos enunciativos diversos e também triviais; enquanto o vocábulo glúteo tem um uso mais restrito. Assim, a orientação argumentativa presente no post alia-se ao *topos*, a um lugar comum como afirma Ducrot: “quem não escolhe ter um glúteo é alguém preguiçoso, é alguém que não está disposto a se sacrificar para obtê-lo, é quem não está disposto a carregar um símbolo de saúde e de beleza”. Vale ressaltar que os glúteos são os músculos mais trabalhados pelas mulheres que querem hipertrofiar seus corpos, há séries de exercícios e programas alimentares desenvolvidos especificamente para esta musculatura. Dessa forma, a postulação de Maingueneau (2008) de que o vocabulário de um discurso é mais do que os semantemas e sim o pertencimento a dadas esferas ou a dadas verdades se confirma. Logo, o enunciado se alinha adequadamente ao enunciado reitor⁵ *sem dor, sem ganho* proferido pelas comunidades que desejam moldar os corpos através da musculação.

⁵ No capítulo IV da Arqueologia do Saber, Foucault (2016) discorre sobre as regularidades de uma prática discursiva. Tais regularidades podem ser explicitadas por meio de uma descrição arqueológica. Uma das possibilidades de efetuar esta descrição é através da denominada árvore de derivação enunciativa que contem partes que propiciam a produção de enunciados concernentes a uma dada prática. Nessa perspectiva, os *enunciados reitores* são aqueles que estão na base desta árvore e que contêm as regras gerais de formação, referem-se às estruturas observáveis. É nesta perspectiva que se pode reconhecer SEM DOR, SEM GANHO (enunciado proferido pela comunidade discursiva de fisiculturistas e marombeiros) como enunciado reitor, pois este convoca condutas inabaláveis para ascensão do corpo como troféu ou como vitrine de força e superação.

A interpelação exposta no post não está atrelada à escolha entre um músculo flácido ou músculo hipertrofiado, o enunciado abarca mais do que a proposta por uma musculatura definida ou pela ausência dela. O enunciado, pragmaticamente, cria condições de uma advertência. A coenunciadora é convocada a tomar uma decisão que pode ser resumida com o seguinte enunciado: tenha uma bunda e seja vista como alguém comum ou tenha um glúteo e seja vista como uma alguém que tem disciplina e força.

Texto 2



Fonte: ig@ltdathayde

Neste post, a dimensão não verbal, que é a reprodução de uma tiragem de quadrinhos, apresenta a figura fictícia de uma mulher com seu perfil corporal, que não é hipertrofiado. No plano verbal, observamos que o vocábulo bunda aparece tacitamente, mas há um destaque para alguns vocábulos. Podemos destacar *natural* e *inofensivo*. Os vocábulos advogam um estado de singularidade, isto é, daquilo que é inerente ao corpo. Assumem o estatuto dos percalços da vida, dos “defeitos” e, sobretudo, da individualidade. São vocábulos que não negam a existência do que falível. Estes vocábulos assumem o estatuto de pertencimento a um universo em que as chamadas imperfeições do corpo são encaradas como elementos pertencentes à corporeidade feminina.

Observamos, ainda, que o plano verbal do post detona a polifonia. Na perspectiva de DUCROT (1984), a polifonia linguística pode ser observada a partir de certos itens linguísticos. Assim, no enunciado “não deveria ser motivo de vergonha”, o elemento de negação e o modalizador trazem para o texto uma voz que enunciaria: “ter celulite é motivo de vergonha”, “ter uma bunda com celulite atesta sua fraqueza

ou o seu não pertencimento ao mundo da beleza”. “Ter celulite mostra que você é uma pessoa descuidada.” “Ter celulite deixa a mulher à margem.” É importante lembrar que a relação entre os planos verbal e não verbal se dá de modo complementar, isto é, a imagem válida, autoriza o dito e o contrário também ocorre.

Com isso, observamos que este post apresenta um tom diferenciado. A coenunciadora aqui não é coagida a optar por um ou outro modelo de corpo, não é coagida a mudar seu estilo de vida para pertencer a dado universo, mas é convidada à reflexão. É nesse sentido que este post advoga a resistência. Ao dizer não à vergonha e rebater uma voz que afirma dado padrão para os corpos, o enunciador convoca as coenunciadoras a assumirem sua singularidade. O post pode ser definido como um mosaico de relações entre o linguístico, o histórico e modo de enunciação que contribuem para a convocação de outros sentidos para o corpo, de sentidos mais globais, de sentidos que deem ao sujeito mais pertencimento à vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, contrastamos enunciados que têm como objetos diferentes corporeidades para mostrarmos como pode se ocorrer a resistência a padrões estabelecidos por meio da linguagem.

Nossos fios condutores de leitura foram o vocabulário, o operador argumentativo e a polifonia. Isso, obviamente, não foi uma escolha nossa, mas o que se mostrou regular, banderoso nos enunciados, pois sabemos que um discurso apresenta regularidades. Assim, o que se mostra mais regular é o que viabiliza leituras e permite estabelecer confirmar certas relações entre a língua e a história.

Os vocábulos mostraram, nos dois textos, a objetificação dos corpos. Os vocábulos mostraram o que aponta Foucault (2016) que os objetos de um discurso são produzidos, que não existem a priori. Estes vocábulos mostraram a possibilidade de construirmos objetos consoante verdades massacradoras que são estabelecidas, mas mostrou também a possibilidade de desconstruí-los quando sentidos que ultrapassam estas verdades são convocados.

Além dos vocábulos, a presença do operador argumentativo no primeiro texto e da polifonia linguística no segundo trouxeram uma perspectiva acional para a esta leitura. Como o operador argumentativo *ou* diz respeito à escolha, alternância, interpela a coenunciadora e a polifonia linguística solicita uma postura atenta da coenunciadora para as vozes que circulam socialmente e que indicam certas verdades coercitivas, é possível reafirmar que a linguagem faz coisas, que nós agimos por meio da dela.

Por fim, esta leitura possibilitou afirmarmos que a resistência não é um simples ato de enfrentamento ou de negação do que nos achata enquanto sujeitos. A resistência é tecida nos atos que procuram resgatar as nossas singularidades ou as nossas impotências. Conforme Agamben (2015), a impotência não é ausência de potência, mas a possibilidade não fazer. Então, não fazer parte de certos grupos, não ter ou não querer ter o perfil corporal da maioria é um não fazer necessário para existência, é o que nos torna singulares, é um ato de resistência.

Cabe salientar, por fim, que os enunciados lidos neste trabalho fazem parte de um universo discursivo que tem a corporeidade como objeto. Lê-los aqui em contraste é mostrar como certas verdades são tecidas e sedimentadas, mas é também um ato de resistência, pois, ao lermos, desnaturalizamos dado objeto. Portanto, ler práticas discursivas que capturam as existências é resistir, é tentar mostrar que há outras possibilidades de existir por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Sobre o que podemos não fazer. In: **Nudez**. Trad.: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRANDÃO, Helena Nagamine Brandão. *Pragmática Linguística: Delimitações e Objetivos*. In: **Retóricas de Ontem e de Hoje**. Lineide do Lago Salvador Mosca (org.) 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001, pp. 161-182.

DEUSDARÁ, B., ROCHA, D. **O que entendemos por “trabalhar com Análise do discurso”?** In: Em Discurso: apresentação. pp.9-26,2018.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da Enunciação. In: **O dizer e o dito**. Campinas: SP. Pontes Editores, 1987.

FLORES, Valdir do Nascimento. TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem o discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, 19.ed.

FOUCAULT, Michel. A descrição arqueológica. In: **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.8.ed. pp.163-214.

_____. A governamentalidade. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, pp.407-431.

_____. **Nascimento da biopolítica**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, LDA. 2010. pp. 91-106.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

SANT'ANNA. Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.